



ALFABETIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO: PRÁTICAS PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Núbia Aparecida da Luz
Felipe Augusto Fernandes Borges

RESUMO

O presente artigo aborda questões relacionadas ao processo de Alfabetização na perspectiva do Letramento. Dessa forma, tem por objetivo conceituar Letramento, explicitar de forma breve como o termo surgiu, e, ainda propor práticas para alfabetizar letrando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O artigo está fundamentado com base em uma extensa pesquisa bibliográfica do assunto em tela. Por meio dessa pesquisa foi possível compreender que o Letramento precisa ser trabalhado de forma integrada à Alfabetização, pois os processos, mesmo diferentes, caminham juntos. O Letramento torna-se importante, pois apenas codificar e decodificar letras e sons não é suficiente: a criança precisa desenvolver a habilidade de utilizar a leitura e a escrita em práticas sociais, em seu cotidiano, isto é, precisa desenvolver o Letramento.

Palavras-chave: Letramento. Alfabetização. Práticas de Alfabetização e Letramento. Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This article addresses issues related to the Literacy process from the perspective of Literacy. Thus, it aims to conceptualize Literacy, explain briefly how the term emerged, and also propose practices to teach literacy in the Early Years of Elementary School. The article is based on an extensive bibliographical research of the subject in question. Through this research, it was possible to understand that Literacy needs to be worked in an integrated way with Literacy, because the processes, even different, go together. Literacy becomes important, because just encoding and decoding letters and sounds is not enough: the child needs to develop the ability to use reading and writing in social practices, in their daily lives, that is, they need to develop Literacy.

Keywords: Literacy. Literacy and Literacy Practices. Early years of elementary school.



1 INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que Alfabetização e Letramento são processos distintos que devem caminhar juntos. O conceito de Alfabetização está relacionado à habilidade de ler e escrever, dominar a escrita alfabética, enquanto o conceito de Letramento tem relação com fazer uso da leitura e da escrita em contextos reais e em práticas sociais.

Este artigo tem como objetivo conceituar Letramento, explicar de maneira breve como e porque esse termo surgiu e também trazer propostas de práticas que podem ser utilizadas para alfabetizar letrando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, em obras de autores que tratam o assunto. Entre outras, utilizaram-se obras como "Alfalettrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever" (SOARES, 2020); Letramento: um tema em três gêneros" (SOARES, 1998); "Práticas pedagógicas, alfabetização e letramento" (SCHELBAUER, et al, 2010); "Metodologia da alfabetização" (VALLE, 2013).

O artigo está dividido em dois tópicos, sendo que o primeiro vai tratar do surgimento do termo Letramento, de seu conceito e de seus objetivos, além de mencionar do Letramento Matemático e do termo Letramento nos documentos brasileiros. O segundo traz formas de alfabetizar letrando, inclusive propostas de atividades que podem ser desenvolvidas e também aborda o papel do professor alfabetizador.

Compreendemos que a criança já possui muitos conhecimentos e opiniões, por isso não pode ser tratada como um ser que não possui saberes. O professor precisa fazer uma relação dos conteúdos com a realidade dos estudantes, levar para a sala de aula materiais diversos como textos, revistas, livros, embalagens, entre outros. Mesmo que a criança ainda não tenha desenvolvido a habilidade da leitura, ela já faz parte de uma cultura letrada e relacionar os conteúdos com o cotidiano faz com que a criança tenha mais interesse e desenvolva o Letramento.

2 LETRAMENTO: SURGIMENTO, CONCEITOS E OBJETIVOS

O termo analfabetismo é conhecido e usado há muito tempo, se refere à condição de analfabeto, indivíduo que não desenvolveu a habilidade de ler e escrever (SOARES, 1998). É fato que sempre existiram pessoas não alfabetizadas, desde o Brasil Colônia, isso sempre existiu, por isso sempre teve um nome, um termo: analfabetismo (SOARES, 1998).

Com o passar do tempo e à medida em que foi ocorrendo a superação do analfabetismo, uma grande parte da população foi aprendendo a ler e a escrever, assim a sociedade foi se tornando mais centrada na escrita e na leitura e evidenciou-se então, um novo fenômeno, o pensamento de que não basta saber ler e escrever (SOARES, 1998).

A leitura e a escrita estavam sendo desenvolvidas pela população, mas isso não significava que as pessoas estavam incorporando a prática da leitura e da escrita. A habilidade para usar o que aprenderam não foi adquirida para que se envolvessem em práticas sociais. Não liam livros, não conseguiam preencher formulários, para escrever uma simples carta existia uma grande dificuldade, não conseguiam encontrar informações que precisavam em catálogos e bulas, entre outras situações (SOARES, 1998).

O problema do analfabetismo teve uma mínima resolução e foi assim que foi sentida a necessidade de um novo conceito, algo que englobasse mais do que codificar e decodificar símbolos, algo mais amplo que isso, maior que alfabetização. O novo fenômeno foi pensado, faltava apenas um nome, um conceito. Assim se desenvolveu o termo Letramento (SOARES, 1998).

A palavra Letramento surgia na segunda metade dos anos 80 no discurso de especialistas na área da Educação e das Ciências Linguísticas. A primeira aparição do termo foi no livro *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, da autora Mary Kato (1986). Mais tarde em 1988, Leda Verdiani Tfouni distingue alfabetização de letramento em seu livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Talvez

ARTIGO

tenha sido nesse momento que o Letramento se tornou um termo técnico nos estudos na área da Educação (SOARES, 1998).

Daí em diante a palavra se tornou cada vez mais utilizada, tanto que em 1995 já estava no título do livro de Ângela Kleiman Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita (SOARES, 1998).

Pode-se dizer, então, que a invenção do termo Letramento é decorrente da necessidade que surgiu por volta dos anos de 1980 de “[...] reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita” (SOARES, 2003, p.30-31).

Soares (1998) foi buscar o significado do termo Letramento na palavra do inglês literacy que vem do latim letra, com o cy que quer dizer qualidade, estado ou condição, então literacy é, segundo Soares (1998), “estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. Segundo a autora está implícito nesse conceito a ideia de que:

[...] a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever - alfabetizar-se, deixa de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a "tecnologia" do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O "estado" ou a "condição" que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por literacy. (SOARES, 1998, p. 17-18)

A palavra Letramento vem de literacy - letra com o sufixo mento que quer dizer “resultado de uma ação”. Soares (1998) aponta, como exemplo para explicar melhor, a palavra ferimento que é um resultado da ação de ferir. Sendo assim, letramento é “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever”, é a condição que

ARTIGO

um indivíduo adquire como consequência da apropriação da escrita (SOARES, 1998, p. 18).

Entretanto, um ponto importante que a autora traz é que uma pessoa que não sabe ler e escrever, identificada como analfabeta, pode ser letrada. Isso porque se a pessoa vive em um ambiente com forte presença de leitura, ela pode não saber ler, porém se interessa em ouvir, pede para que leiam e escrevam para ela, entre outros exemplos. Sendo assim, se torna um indivíduo letrado porque está envolvido em práticas sociais de leitura e escrita, apesar de não ser alfabetizada (SOARES, 1998).

Isso também acontece com crianças ainda não alfabetizadas. Elas ainda não sabem ler, mas abrem livros, olham as letras e brincam de ler e escrever, ouvem adultos lendo. Essas crianças conseguem perceber o uso e a função da leitura e da escrita, por isso, antes mesmo de serem alfabetizadas, já adentram ao mundo do letramento (SOARES, 1998).

Soares (1998) afirma que existe uma dificuldade em criar uma definição universal de Letramento, pois esse é um processo que abrange muitas coisas e autores o definem de formas diferentes. Segundo ela:

Essa dificuldade e impossibilidade devem-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição. Isso explica por que as definições de letramento diferenciam-se e até antagonizam-se e contradizem-se: cada definição baseia-se em uma dimensão de letramento que privilegia. (SOARES, 1998, p.65-66)

No Letramento existem duas dimensões: a individual e a social. Na dimensão individual o letramento é um atributo pessoal, posse individual de tecnologias mentais de ler e escrever. Na dimensão social o letramento é um fenômeno cultural, atividades sociais de língua escrita e exigências sociais do uso da língua escrita (SOARES, 1998).

Como já dito, o Letramento tem definições diferentes, aqui as referências foram as de Soares (1998), que afirma que as definições são distintas, assim como o pensamento de cada autor. Mesmo com formas diferentes de pensar o Letramento,

ARTIGO

ele é um direito humano, independente de condições sociais e econômicas em que determinado grupo esteja inserido (SOARES, 1998).

Por fim, vale também expor a diferença entre Alfabetização e Letramento, já que são processos frequentemente confundidos. Alfabetização, como apresentado anteriormente neste texto, é um processo em que ocorre a aquisição do sistema de escrita, diferente de letramento que se entende como o desenvolvimento de habilidades do uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais (SOARES, 2003).

Assim, o Letramento vai além da aprendizagem da leitura e da escrita. O indivíduo alfabetizado e letrado, além de saber ler e escrever, compreende e pensa de maneira crítica sobre o que lê e escreve. Uma pessoa letrada é aquela que pergunta, questiona e compreende, não apenas escreve, copia ou lê de forma mecânica. O Letramento se faz importante para que o estudante se torne alguém que participa e exerce influência na sociedade (SOARES, 2016).

Para Kleiman (2005), o Letramento refere-se a compreensão da língua escrita, não somente na escola para interpretar um texto, mas também no cotidiano em todo lugar. O Letramento é um processo que deve ser levado em conta e trabalhado nas escolas desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Isso porque proporciona aos indivíduos a capacidade de analisar e interpretar tudo a sua volta, por isso é mais do que conhecer letras e sons, é compreender o que se lê e escreve.

Letrar é importante e, mais do que isso, é necessário, para que assim as crianças não sejam ensinadas apenas a codificar e decodificar. Mas que façam, sobretudo, o uso da leitura e da escrita, se envolvam em práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 1998).

Uma pessoa letrada, que faz uso competente de leitura e escrita é diferente de uma pessoa iletrada, isso porque o Letramento muda a forma de ver e interagir com o mundo à sua volta, é como se ele fizesse a inserção da pessoa na sociedade, colocasse-a em um lugar diferente, como afirma Soares:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural - não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. (SOARES, 1998, p.37)

Sendo assim, o Letramento pode mudar o olhar das pessoas, transformando-os também em seres críticos, autores e modificadores de suas histórias.

Com o Letramento é possível utilizar a leitura e a escrita para se orientar no mundo, nas cidades, nas ruas. Para receber e seguir instruções, para tomar um remédio, pois para isso é preciso compreender o que diz a bula. Enfim, é fazer o uso dos mecanismos da escrita e da leitura para se localizar, para não ficar perdido (SOARES, 1998).

O Letramento abre as portas à possibilidade de poder enxergar por trás de um texto, um milhão de possibilidades e questionamentos. É ver por meio desse texto a sua realidade, a sua história. Consoante a isso, Soares (1998, p. 43) afirma que “Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo (delinear o mapa de quem você é), e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser”.

3 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alfabetização e Letramento são componentes que introduzem a criança no mundo da escrita e que devem ser desenvolvidos de forma integrada. São processos diferentes, mas que devem ser trabalhados juntos (SOARES, 2003).

É importante ressaltar que atividades de Alfabetização são diferentes de atividades de Letramento, tanto cognitivamente quanto metodologicamente. Se é desenvolvida em uma criança apenas Alfabetização ou apenas Letramento, sua visão do mundo da escrita será parcial e não completa. Como afirma Soares (2003):

Embora atividades de alfabetização e letramento se diferenciem tanto em relação às operações cognitivas que demandam quanto, conseqüentemente, em relação aos procedimentos metodológicos e didáticos que se orientam, essas atividades devem desenvolver-se integradamente; se se desenvolvem de forma dissociada, ou se se desenvolve letramento e não se desenvolve alfabetização, ou vice-versa, a criança terá certamente uma visão parcial e, portanto, distorcida do mundo da escrita. (SOARES, 2003, p.144)

Em sua obra *Alfalettrar* (2020), Soares enfatiza que Alfabetização e Letramento são como duas peças de um quebra-cabeça que ganham sentido quando se juntam, uma peça depende da outra, assim como os processos de Alfabetização e Letramento são interdependentes (SOARES, 2020).

A autora ainda coloca como eixo central, como peça fundamental de junção da Alfabetização e do Letramento, o texto: “[...] quando interagimos por meio da língua, falamos ou escrevemos textos, ouvimos ou lemos textos.” (SOARES, 2020, p. 34).

Em um planejamento de aula com intuito de alfabetizar letrando, a escolha de um texto é o primeiro passo a ser dado, deve-se pensar em um texto que de alguma forma chame atenção e desperte o interesse das crianças. Depois devem ser criadas questões sobre esse texto, para que a habilidade de interpretação seja desenvolvida. Podem ser escolhidas também algumas palavras de dentro do texto para que sejam trabalhadas, por exemplo, sua forma de ser escrita (Alfabetização) e seu significado, se pode ser compreendida de uma ou mais formas (Letramento) (SOARES, 2020).

Carvalho (2015) também defende o trabalho com textos nos processos de Alfabetização e Letramento. Segundo a autora, textos pequenos e simples que podem ser histórias, poemas, notícias, entre outros, são boas possibilidades para crianças dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Carvalho enfatiza que “[...] para aprender a ler é preciso conhecer as letras e os sons que representam, mas é também fundamental buscar o sentido, compreender o que está escrito. Os textos podem ser úteis para focar estas duas facetas da aprendizagem: a alfabetização e o letramento” (CARVALHO, 2015, p. 49).

Mas segundo a autora existem tipos diferentes de textos, os textos que têm como propósito o treinamento na aprendizagem de palavras com determinadas letras, como por exemplo: “A vovó é da menina. A menina leva doce para a vovó. A menina



vê o lobo.” (CARVALHO, 2015, p. 50). Esse exemplo é parecido com o que se encontra em cartilhas, sem título, com frases soltas, sem nenhum sentido, não se parece com a forma com que as crianças falam, servem apenas para treinamento (CARVALHO, 2015).

Agora um outro exemplo para comparar com o primeiro: “Era uma vez uma menina chamada Chapeuzinho Vermelho. Um dia sua mãe mandou que ela levasse uma cesta cheia de coisas gostosas para a vovó. A garota foi e no caminho encontrou o lobo.” (CARVALHO, 2015, p.50). Esse é um texto que mesmo sendo curto e simples, faz sentido, tem informações. É preferível que, em se tratando de uma Alfabetização na perspectiva de Letramento, sejam escolhidos textos como esse, uma história, com sentido, que pode ser compreendida pelas crianças porque faz parte da sua vida (CARVALHO, 2015).

Os textos precisam ser escolhidos de acordo com a fase em que as crianças estão. No primeiro ano do Ensino Fundamental (6 anos), o professor pode optar por: poemas, histórias, canções e trava-línguas. Com crianças maiores em casos de repetência, é interessante conversar sobre o que gostam, o que fazem e seguir a partir disso, utilizando textos que façam ligação com assuntos do interesse da criança. Isso é importante porque maior parte dessas crianças possuem experiências frustrantes, elas precisam perceber que estão aprendendo e tendo avanços e não apenas fazendo a mesma coisa de sempre sem resultados (CARVALHO, 2015).

Para que seja possível alfabetizar letrando, um trabalho de sensibilização deve ocorrer, por meio de atividades de comunicação, como a escrita de um bilhete para alguém, uma carta, escrever uma história que realmente aconteceu, criar um jornal da escola (antes de tudo isso realizar leituras para conhecer os gêneros textuais), entre outras possibilidades. Todas as propostas citadas fazem com que a escrita passe a ter função social (CARVALHO, 2015).

Quando um texto é apresentado aos estudantes, existem questões e observações a serem feitas. Local em que aquele tipo de texto pode ser encontrado, se é um anúncio pode ser encontrado nas ruas, comércios por exemplo, uma notícia pode ser observada em um jornal, em uma revista. A forma gráfica dos textos também

ARTIGO

é diferente. Em uma lista os itens são escritos um embaixo do outro, um poema é escrito em estrofes, essas diferenças devem ser comentadas (CARVALHO, 2015).

Mesmo que a criança ainda não tenha desenvolvido a habilidade da leitura, é importante deixar que ela tenha acesso às variedades dos textos. As salas de aula de alfabetização precisam contar com muitas coisas escritas nas paredes e materiais que as crianças possam pegar, olhar, brincar de ler. É o que aborda Carvalho (2015), no seguinte excerto:

Pegue uma criança de 6 anos ou mais, no estado em que estiver, suja ou limpa e coloque-a numa sala de aula onde existam muitas coisas escritas para olhar e examinar. Servem jornais, livros, revistas, embalagens, propaganda eleitoral, latas vazias, caixas de sabão, sacolas de supermercado, enfim, vários tipos de materiais que estiverem a seu alcance. Convide as crianças para brincarem de ler, adivinhando o que está escrito: você vai ver que elas já sabem muitas coisas. (CARVALHO, 2015, p.133)

Assim sendo, pode-se compreender que, no processo de Alfabetização e Letramento, o educador precisa levar em conta as características individuais das crianças, pois nem um estudante é igual ao outro e, mesmo que eles ainda não tenham desenvolvido a habilidade da leitura, eles não podem ser vistos e nem tratados como seres sem conhecimento; todos trazem consigo, experiências, saberes, histórias, etc. Estimular e instigar é importante, mostrar palavras e textos de diferentes formas é necessário para que assim as crianças tenham cada vez mais vontade de aprender a ler e utilizar a leitura de diversas maneiras em seu cotidiano.

Segundo Soares (2003) e Carvalho (2015) não existe uma receita pronta ensinando os professores a forma correta de alfabetizar com significado. O que existem são propostas e ideias fundamentadas que podem funcionar nesse processo. Não existe um método totalmente eficaz que ensine todas as crianças a ler e a escrever, o que não significa que o professor alfabetizador deve entrar em sala de aula sem método algum. Por isso é importante que ele conheça cada um de seus estudantes e como eles aprendem.

Antes de tudo, a proposta é que o professor faça uma sondagem com as crianças, para saber quais são seus conhecimentos prévios. Isso é muito importante antes de começar um trabalho de Alfabetização e Letramento. Depois, o educador

ARTIGO

deve tentar atender cada criança de acordo com a sua individualidade (NARCISO; HAUTH, 2021).

O papel do professor alfabetizador é fundamental no desenvolvimento dos conhecimentos das crianças no processo de alfabetizar letrando. O educador precisa se colocar como facilitador da aprendizagem e não como o dono do saber. Levar em conta os conhecimentos que cada estudante já possui é muito importante, é interessante também que o educador pense em aulas dinâmicas e atividades com materiais concretos, respeitando sempre a individualidade e a realidade de cada um (FERREIRA et al, 2020).

Dessa forma, Valle (2013) considera que o professor precisa se comprometer com três práticas para alfabetizar em uma perspectiva de Letramento as crianças de grupos tão distintos que se encontram nas salas de aula. Estas práticas segundo a autora são:

[1] Mapear as diferentes formas de expressão de cada criança, levando em conta suas hipóteses sobre como se lê e como se escreve, a maneira como se expõe em grupo, seus interesses e desejos.

[2] Garantir desafios individuais e em pequenos grupos.

[3] Possibilitar que cada criança assuma diferentes papéis (mais velha/mais nova; quem desenha/quem escreve). (VALLE, 2013, p.97).

Cada criança tem seu tempo, seu ritmo, sua forma de compreender e se desenvolver. De modo algum o educador deve pensar que o que deu certo com um, a forma que ele ensinou uma criança a ler, vai funcionar com a turma toda, pois é bem provável que não. Soares (2003) enfatiza ao longo de sua obra que, Alfabetização e Letramento não se dão por meio de um único método de ensino e sim com uma mescla de metodologias, a depender de cada criança. Cada história e realidade devem ser respeitadas, por isso “O professor deve respeitar as características individuais e o ritmo dos alunos nesse processo de construção” (KLEIN, 2012, p. 133).

O professor precisa instigar a criança, fazendo com que se interesse e vivencie momentos diversos de leitura e escrita sem medo de errar. O erro deve ser respeitado,

e aos poucos, corrigido, para que assim a criança se desenvolva (NARCISO; HAUTH, 2021).

A Alfabetização com perspectiva no Letramento se refere a um ensino em que as crianças têm dúvidas, perguntam e conseguem respostas. Sempre existe algo a mais por trás de um simples texto. Segundo Narciso e Hauth (2021):

É fundamental, expor os alunos a situações onde eles possam refletir sobre o “porque” e “para que” da necessidade da prática da leitura. Se o objetivo da escola é formar cidadãos críticos e capazes de compreender-se enquanto sujeito na sociedade, é de suma importância, um planejamento que possa colocar os alunos diante de situações diversas como: ler para adquirir informações, para escrever, para estudar, para resolver problemas do seu cotidiano ou até para divertir-se. (NARCISO; HAUTH, 2021, p.91-92).

O professor alfabetizador precisa ter um papel de mediador e ultrapassar o espontaneísmo. É necessário estudar e refletir sobre teorias e metodologias que amparam o trabalho docente e para entender os conceitos de alfabetização e letramento como diferentes, mas indissociáveis e também ter compreensão de que a prática pedagógica deve ser intencional e sistemática (LUCAS et al, 2010, p. 149).

Segundo o Projeto Nacional de Intercâmbio de Experiências Educacionais (2007) a criança produz saberes e cultura e sua aprendizagem acontece em suas ações sobre o mundo, nas relações que estabelece com o meio, com os objetos e com os outros. Pensando também nisso, serão apresentadas a seguir as atividades propostas por Lucas et al (2010) e por Valle (2013).

3.1 Meu nome

Geralmente, a primeira coisa que a criança quer aprender a escrever é o seu próprio nome. Trabalhar a escrita do nome é fundamental e, segundo Perez (1993) as tentativas de escrita do nome levam a história da criança para a sala de aula, mostram que o nome está ligado a uma identidade particular.

Lucas *et al* (2010) indicam duas propostas interessantes para trabalhar o



nome no início do ano letivo. Na primeira, as crianças vão se sentar em círculo no chão e uma por vez vai falar o seu nome, escolhendo se quer falar com a voz alta, baixa, grossa ou fina, enfim, os nomes serão ditos de diferentes formas. Essa é uma prática simples com muito significado, além da criança poder falar seu nome várias vezes, vai ouvir os nomes dos colegas; é também uma forma de conhecê-los.

Depois da fala dos nomes será feita a leitura de uma adivinha (uma pergunta enigmática com apenas uma resposta correta). É importante explicar às crianças o que é uma adivinha antes de tudo e conversar sobre o assunto para que elas consigam chegar a resposta. O enigma é o seguinte: “O que é, o que é? Quando nasci eu não tinha. Escolheram e me deram. Agora que ele é meu usam mais do que eu” (LUCAS *et al*, 2010, p.135).

Depois que as crianças descobrirem que a resposta é nome próprio, a professora vai falar da importância que tem o nome de cada um. Que ele serve como uma forma de identificação e está nos documentos das pessoas como no registro de nascimento e na carteira de identidade, etc.

Com essas explicações deve-se passar para a segunda atividade, que será a confecção de uma carteira de identidade. Para isso, é importante esclarecer que além do nome próprio, a identidade também possui um número muito utilizado que também serve como uma forma de identificação, esse número é chamado de registro geral (RG) (LUCAS *et al*, 2010).

Para essa atividade é necessário: 1. mostrar e ler as informações de uma carteira de identidade de verdade; 2. mostrar a assinatura que está na identidade, explicando que é uma forma pessoal de escrever o nome; 3. Mostrar e explicar como é feita a impressão digital; 4. Imprimir um modelo de identidade que as crianças possam preencher com os seus dados; 5. Conseguir as informações necessárias para preencher a carteira de identidade; 6. Pedir para que as crianças desenhem seu retrato em um pedaço de papel 3x4, depois colar na identidade; 7. Propor que as crianças criem uma assinatura; 8. Carimbar a impressão digital de cada um; 9. Depois de pronta, plastificar as carteiras de identidade; 10. Criar situações e brincadeiras, em que crianças precisem mostrar as identidades para se identificar como: mostrar o

documento para entrar em um ônibus, um procurar o nome do outro em uma lista utilizando a carteira de identidade e outras possibilidades (LUCAS et al, 2010).

3.2 Criar histórias a partir de fotografias

Esta atividade proposta por Valle (2013) em seu livro *Metodologia da alfabetização* tem o objetivo de despertar nas crianças o interesse de escrever e contar histórias por meio de suas próprias fotos de família.

A professora pedirá com antecedência para que as crianças tragam de casa uma foto de família, com os pais, irmãos, primos, etc. Para que, por meio dessa foto e da imaginação de cada um, histórias sejam criadas e contadas na sala de aula.

Com essa atividade, a criança pode criar uma história observando os elementos da foto ou pode contar uma história real de sua família e, além disso, as crianças poderão perceber as diferentes culturas e as diferentes formas familiares. Cada foto será de um jeito diferente, assim como será cada história.

Outra proposta que pode ser interessante e fará com que a imaginação de cada um seja exercitada, é que a criança conte a história de uma foto que não é a sua. As crianças podem se sentar em círculo no chão da sala, as fotos vão estar no centro, cada criança vai observar as fotos e escolher uma que lhe tenha chamado a atenção, vai pensar e criar uma história sobre aquela foto. O professor estará auxiliando, fazendo perguntas e destacando o que aparece na foto e, além disso, pode ser perguntado o porquê da escolha daquela foto.

A história pode ser escrita ou apenas contada oralmente, isso vai depender da fase em que as crianças estão. Se a atividade for realizada em uma turma de 1º ano pode ser apenas oralizada, em uma turma de 2º ano a escrita já está mais desenvolvida, então a história pode ser escrita no caderno ou em uma folha e depois as crianças podem ler ou contar o que escreveram. No caso de a atividade ser escrita, deve ser algo simples, do jeito da escrita da criança, naquele momento.



3.3 Quadrinhos em sequência

A atividade proposta por Valle (2013) objetiva despertar o interesse na escrita. Consiste em uma história em quadrinhos separados, as crianças irão receber os quadrinhos apenas com as imagens, terão que organizá-los na ordem correta e escrever o que está acontecendo em cada parte, formando no final uma história.

Organizar os quadrinhos na ordem correta não será fácil para algumas crianças, portanto o professor deve auxiliar por meio de comentários e questionamentos até que a criança até que a criança sequencie da forma certa. Uma dica importante é não trabalhar com imagens óbvias, optar por quadrinhos nos quais as crianças possam usar bastante a imaginação.

3.4 Escrevendo cartas

Mais uma proposta de Valle (2013) é escrever uma carta. Essa atividade faz com que a criança tenha percepção de como a leitura e a escrita são importantes socialmente no mundo contemporâneo.

As crianças vão pensar em uma pessoa, pode ser de sua família e em algo que queiram escrever para essa pessoa, na carta vão escrever o nome de quem vai receber, o seu próprio nome e o conteúdo da carta que fica a critério de cada um, podem escrever qualquer assunto. Pode ser feito um envelope com ajuda do professor. Uma atividade que dá sentido à escrita, pois estarão escrevendo algo real a alguém que conhecem.

Uma adaptação ao mundo mais contemporâneo e digital seria propor também a escrita de um e-mail ou mesmo de uma mensagem (ou conjunto de mensagens) para alguém. Seria uma forma de atualizar a proposta sem perder o foco de sua intenção inicial.

3.5 Vamos brincar de poesia?

Segundo Lucas *et al* (2010), a poesia é um gênero muito admirado pelas crianças, encanta pelas suas rimas, assemelha-se à música. Entretanto, pelo olhar das autoras, não é um gênero tão presente na escola como deveria ser. A poesia pode ser definida por meio do poema *Convite* de José Paulo Paes (1990), que pode ser trabalhado na escola, a fim de explicar às crianças o que é uma poesia.

Convite

José Paulo Paes

Poesia

é brincar com as palavras
como se brinca
com bola, papagaio e pião.

Só que

bola, papagaio e pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:

quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio

que é água sempre nova.

Como cada dia

que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

(LUCAS *et al*, 2010, p.141).

Existem muitas propostas interessantes com poesia. Uma delas é que, depois de explicar seu conceito, pode-se escolher um poema, ler para as crianças, pedir para que repitam, encontrem as palavras que rimam, ou que são parecidas. Depois escolher uma estrofe para que as crianças a representem em forma de desenho. É impressionante a criatividade que as crianças têm e suas *diferentes formas de se expressar por meio do desenho* (LUCAS *et al*, 2010).

Depois que os desenhos estiverem prontos, as crianças podem apresentar suas produções, fazendo comparações com a estrofe lida pelo professor, assim vai ocorrer um diálogo entre os educandos sobre o poema e os desenhos. Esse diálogo perpassa a leitura do poema, torna-se uma prática de letramento e se estende para outros contextos (LUCAS *et al*, 2010).

Outra proposta que também parte do trabalho com a poesia e suas rimas é a seguinte: podem ser confeccionados dados, em cada um de seus lados será colocado o nome de uma criança, então uma por vez vai jogar o dado e, para o nome que cair para cima, a criança (com ajuda ou sem, a depender de seu nível de desenvolvimento) vai pensar em uma palavra que rime com aquele nome. Quando encontrar a palavra vai criar um verso que será escrito no quadro pela professora (LUCAS *et al*, 2010).

É importante também explicar as rimas, as diferenças e semelhanças que existem nas grafias das palavras. É preciso acrescentar explicações sobre:

[...] a existência de palavras que tem o mesmo fonema, cujo registro é feito de forma diferente das já apresentadas. É o caso, por exemplo, das palavras SAMBA e TAMPA. Há ainda situações nas quais a letra N permanece a sílaba seguinte, mas analisa a vogal da sílaba anterior. É o que ocorre com as palavras MARIANA e BANANA [...] (LUCAS *et al*, 2010, p.144).



Depois dos versos serem criados e registrados no quadro, cada criança vai escrever em uma folha o verso com o seu nome e depois representar esse verso com desenho. Ao desenhar é necessário pensar nas características do objeto/ação/fenômeno que será representado e ao escrever deve-se pensar nos sons emitidos para designar o objeto/ação/fenômeno que se quer registrar por meio de símbolos (LUCAS *et al*, 2010).

As folhas com os desenhos podem ser expostas na parede com o título: *Meu nome rima com...* Depois em grupos de quatro pessoas, as crianças vão elaborar uma cruzadinha, no centro como base vão escolher o nome de um dos integrantes do grupo e para completar a cruzadinha vão escrever os verbos utilizados na criação dos versos da atividade anterior (LUCAS *et al*, 2010, p.144).

Se as crianças demonstrarem interesse pelos poemas, o professor pode criar um *Cantinho da Poesia*, reservar um lugar da sala de aula para deixar livros de poesia, pequenos poemas e as rimas feitas pelas próprias crianças. Nesse local os colegas podem se ajudar a ler, ler juntos em grupos alguns poemas, depois vão escolher o que mais gostaram e, em uma cartolina, fazer um registro sobre ele para, em seguida, compartilhar com o restante da turma (LUCAS *et al*, 2010). Pode-se também por meio da poesia “[...] incentivar as crianças a pensarem sobre o sistema de escrita: escrevendo os títulos dos poemas lidos para as crianças, buscando palavras nos textos das canções ou dos poemas, mudando algumas palavras por outras semelhantes e que também rimem, registrando pequenos poemas no caderno” (LUCAS *et al*, 2010, p. 146).

Ao ler, escrever, escutar, desenhar, pensar sobre o que diz o poema, encontrar as palavras que rimam, criar novas rimas e fazer com que a sala de aula se transforme em um ambiente favorável, decorada com cartazes entre outras coisas, as crianças obtêm um avanço significativo no processo de aprendizagem da leitura e da escrita e seus usos sociais (LUCAS *et al*, 2010, p.148).

Todas as atividades citadas podem ser trabalhadas em turmas de 1º e 2º ano, elas vão fazer com que os estudantes desenvolvam o Letramento juntamente com a Alfabetização.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As especulações são constantes sobre o que é eficaz ou não na Alfabetização, métodos, cartilhas, ou a desmetodização. A linha seguida nesse trabalho coloca Alfabetização e Letramento como processos distintos e inseparáveis. E o método eficaz é aquele que funciona com a criança, deve ser sempre levada em conta a individualidade de cada uma, pois da mesma forma que nem uma é igual a outra, também não vão aprender da mesma forma.

Por isso, o professor precisa estar sempre atento e oferecer subsídios para que cada estudante possa se desenvolver. Para isso ele precisa compreender que Alfabetização é a compreensão da escrita alfabética e Letramento é o uso que se faz da leitura e da escrita em práticas sociais.

Considera-se que a Alfabetização na perspectiva do Letramento está voltada não apenas para a leitura de um texto, mas para uma leitura de mundo, que possa ser utilizada na escola e fora dela, criando cidadãos críticos que possam fazer parte de várias esferas da sociedade.

Assim, por meio dessa pesquisa bibliográfica, foi possível refletir e compreender de forma mais abrangente sobre os processos de Alfabetização e Letramento, ter um entendimento melhor de seus conceitos, que são diferentes, entretanto devem ocorrer em conjunto, pois um age como complemento ao outro. Segundo Soares (2020) uma pessoa alfabetizada fora da perspectiva do Letramento, terá uma aprendizagem incompleta, assim também ocorre com um indivíduo apenas letrado.

Também foi possível compreender que, para fazer com que a criança se sinta instigada e interessada a aprender a ler e escrever, ela precisa de diferentes elementos visuais e palpáveis. Por esse motivo não podem, em hipótese alguma, faltar em salas de aula de alfabetização muitos livros, revistas, recortes de textos, palavras ou letras, embalagens, jornais, enfim. Mesmo que as crianças ainda não tenham desenvolvido a leitura e a escrita, vão tendo contato com a cultura letrada e com isso se interessam em aprender.



ARTIGO

Se a partir dessa pesquisa o leitor procurou encontrar um método com 100% de eficácia para alfabetizar letrando, não foi possível, pois ele não existe do ponto de vista dos autores abordados aqui. Não existe um método totalmente bom, assim como também não existe um totalmente ruim. Isso vai depender da individualidade de cada estudante. O que não significa que o educador não precisa escolher um método para trabalhar, ele deve ter um em que se apoiar, mas compreendendo que se uma criança da sala não se desenvolveu com ele, a metodologia do professor deve se adaptar a ela e não o contrário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vitor Sergio; SILVA, Graziene Dantas. A alfabetização e o letramento no ensino fundamental sob a perspectiva de Emília Ferreiro e Magda Soares e o prescrito nos documentos educacionais brasileiros. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.46, 2021, p.75-94.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>> Acesso em: 08 de ago. 2022

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

ESPÍNDOLA, Ana Lucia; SOUZA, Regina Aparecida Marques. Alfabetização de crianças em dois anos: esse é o caminho?. **Correio do Estado**, Artigos e Opinião. Mato Grosso do Sul, 2017. Disponível em: <<https://correiodoestado.com.br/artigos-e-opiniao/alfabetizacao-de-criancas-em-dois-anos-esse-e-o-caminho/302824>> Acesso em: 30 de ago. 2022.

FERREIRA, Waleika da Cruz. et al. Práticas de Alfabetização na Perspectiva do Letramento. In: Id on Line. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. v.14, n.49, p.325-339, 2020. Disponível em: <<http://idonline.emnuvens.com.br/id>> Acesso em: 19 de out. de 2022.



ARTIGO

GUARNIERI, Maria Regina; VIEIRA, Luciene Cerdas. Alfabetização no ensino fundamental de nove anos: avaliação docente e suas implicações para as práticas pedagógicas. *Práxis Educacional*, **Dossiê temático práticas de leitura e escrita**. v.06, p.55-71, 2010. Disponível em: <<https://periodico2.uesb.br/index.php/praxis/articule/view/617/510>> Acesso em: 28 de jul. 2022.

KLEIN, Lígia Regina. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** 6.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LUCAS, Maria Angélica Olivo Francisco. et al. Práticas pedagógicas de alfabetização e letramento na escola. In: SCHELBAUER, Anaete Regina. et al. (Org). **Práticas pedagógicas, alfabetização e letramento**. 21 ed. Maringá: Eduem, 2010. p.133 a 154.

MORAES, Silvia Pereira Gonzaga. A apropriação da linguagem matemática nos primeiros anos de escolarização. In: SCHELBAUER, Anaete Regina; LUCAS, Maria Angélica; FAUSTINO, Rosângela Célia. (ORG). **Práticas pedagógicas, alfabetização e letramento**. Maringá: Eduem, 2010. 152p. (Coleção formação de professores - EAD; n.43).

MOURA, M. O. Matemática na infância. In: MIGUEIS, M. R.; AZEVEDO, M.G. **Educação Matemática na Infância: abordagens e desafios**. Serzedo, Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007, p.39-64.

NARCISO, Rodi; HAUTH, Catyane Roberta. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: O PAPEL DO EDUCADOR NESSE PROCESSO. In: **Revista Amor Mundi**. Santo Ângelo. v.2, n.3, p.87-95, mar.2021. Disponível em: <<https://jornal.editorametrics.com.br/index.php/amormund/article/download/96/93/246>> Acesso em: 31 de out. de 2022.

PROJETO NACIONAL DE INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS. Promovendo a alfabetização em grupos heterogêneos: o desafio de viver a diferença como um princípio educativo. **Revista do professor**, Porto Alegre, n.89, jan./mar.2007.

SANTOS, Annie Rose; ROMUALDO, Edson Carlos; RITTER, Lílian Cristina Buzato. (ORG). **Letramento e escrita**. Maringá: Eduem, 2010. 106p. (Formação de professores - EAD; v.40).

SCHELBAUER, Anaete Regina. Apontamentos sobre a história da alfabetização. IN: FAUSTINO, Rosângela Célia. et al. (org). **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**. 21 Ed. Maringá: Eduem, 2010. p. 15 a 30.



ARTIGO

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Metodologia da alfabetização**. Curitiba: InterSaber, 2013.



Esta obra está licenciada com Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.
[Recebido/Received: Abril 30, 2023; Aceito/Accepted: Agosto 29, 2023]